

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA**  
**28 e 30 de junho de 2022**

**SECONDS / 1966**  
**(Uma Segunda Vida)**

*Um filme de John Frankenheimer*

Realização: John Frankenheimer / Argumento: Lewis John Carlino, baseado num romance de David Ely / Direcção de Fotografia: James Wong Howe / Direcção Artística: Ted Haworth / Guarda-Roupa: Jack Martell e Peter Saldutti / Música: Jerry Goldsmith / Som: Joe Edmondson e John Wilkinson / Montagem: David Newhouse e Ferris Webster / Interpretação: Rock Hudson (Antiochus Wilson), Salomé Jens (Nora Marcus), John Randolph (Arthur Hamilton), Jeff Corey (Mr Ruby), Richard Anderson (Dr. Innes), Murray Hamilton (Charlie Evans), Karl Swenson (Dr Morris), Khigh Diegh (Davallo), Frances Reid (Emily Hamilton), Wesley Addy (John), John Lawrence, Frank Campanella, etc.

Produção: Paramount – John Frankenheimer Pictures / Produtores: John Frankenheimer e Edward Lewis / Cópia: digital, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 107 minutos / Estreia em Portugal: São Luís e Alvalade, a 26 de Maio de 1967.

\*\*\*

John Frankenheimer é associável à chamada “geração da televisão” e àquela fornada de realizadores que entre o final dos anos 50 e o princípio dos anos 60 chegou ao cinema com a tarimba feita no meio televisivo. Frankenheimer foi dos mais ecléticos – neste mesmo ano de 1966 em que realizou a fábula distópica que é **Seconds** dirigiu igualmente **Grand Prix**, sobre o mundo das corridas de automóveis... Do mais ecléticos e dos mais irregulares: a sua obra concilia filmes muito conseguidos ou mesmo muito bons (como **The Manchurian Candidate**, cuja aura se sente a pairar sobre **Seconds**) com outros bastante fracos ou mesmo desastrosos (como a sua adaptação, já nos anos 90, da *Ilha do Dr. Moreau*, um dos últimos filmes com Marlon Brando e quase uma comédia involuntária...).

Para irmos direitos ao assunto, **Seconds**, sem ser desastroso, é um dos seus filmes menos notáveis. Fábula distópica, como dissemos, **Seconds** tem uma matriz narrativa engenhosa e inquietante, encontrada num romance de David Ely. Num futuro próximo, uma empresa (referida como a Empresa, designação que a coloca algures entre o Big Brother de Orwell e algumas visões mais assustadas do chamado “corporate power”) especializou-se no fabrico de “vidas novas” para todos aqueles que, por uma razão ou por outra, estão cansados da sua “vida velha”. É o caso do protagonista de **Seconds**, que começa por ser interpretado por John Randolph e, depois, ao cabo de uma operação plástica e do trabalho de indução de uma nova personalidade, passa a ser interpretado por Rock Hudson.

Premissa narrativa promissora, e em 1966 certamente bastante original, como se nota pela leitura das críticas da época (do *MFB* aos *Cahiers*), que invariavelmente descrevem a experiência do visionamento do filme como uma curva decepcionada, entre o entusiasmo suscitado pelo lançamento da narrativa e um crescente enfado provocado pelo seu desenvolvimento. Quarenta e três anos depois, muito provavelmente o espectador contemporâneo viaja por **Seconds** num semelhante trajecto em curva. Razões? Com licença dele, que até o “Divo” em causa nesta sessão, Rock Hudson é um actor demasiado “flat” para lidar da melhor maneira com aquilo que está em causa na sua personagem: uma “acumulação” de personalidades, um “homem com passado” que quis ver anulado, mas que ficou lá algures a criar uma fricção (como se vê na sequência da festa, talvez a mais interessante de todo o filme, quando a velha personalidade se imiscui na nova). Mas, se isto é um facto, seria injusto responsabilizar apenas Rock Hudson. Há qualquer coisa no estilo de Frankenheimer que sugere que ele se preocupou em fazer acompanhar a narrativa pela instauração de uma atmosfera inquietante, fria e desumanizada, que respondesse ao futurismo distópico da narrativa – as lentes deformadoras, os grandes planos, os contra-picados. Mas é um arsenal de efeitos que resulta pobre, ou talvez demasiado evidente e “automático”, e tem como consequência um certo empastelamento da narrativa e, mais ainda, da mise en scène.

O que é interessante, ainda assim, é o carácter relativamente precursor de **Seconds**. Frankenheimer já fizera um belo filme sobre a “teoria da conspiração” como ocorrência inevitável na opacidade do mundo moderno, **The Manchurian Candidate**. Durante o seu visionamento pensamos numa série de outros filmes que trabalham a “distopia” a partir da intensificação desta opacidade, mas filmes que são todos posteriores a **Seconds**: do **Soylent Green** de Richard Fleischer ao **Truman Show** de Peter Weir, passando pelo **Parallax View** de Alan Pakula. Reconheçamos então a **Seconds** pelo menos um valor “sintomático”: foi um dos primeiros filmes a prever uma preocupação que o futuro – na vida e no cinema – tornaria cada vez mais premente.

Luís Miguel Oliveira